

CAMPOS, Olímpio

*religioso; dep. geral SE 1886-1889; dep. fed. SE 1894-1899; pres. SE 1899-1902; sen. SE 1902-1906.

Olímpio de Sousa Campos nasceu no engenho Periquito, no município de Itabaianinha (SE), em 25 de junho de 1853, filho do coronel José Vicente de Sousa e de Porfíria Maria de Sousa Campos. Seu irmão, Guilherme de Sousa Campos, foi presidente de Sergipe de 1905 a 1908 e senador de 1909 a 1917.

Iniciou os estudos primários na cidade natal, prosseguindo-os em Estância (SE) e recebendo aulas particulares de latim em Lagarto (SE). Seguiu para a cidade de Recife, onde pretendia cursar os preparatórios e bacharelar-se em ciências jurídicas e sociais. Faltando apenas as classes de filosofia e retórica para concluir os estudos que o levariam à Faculdade de Direito, mudou de intenção ao ver despertada sua vocação eclesiástica. Matriculou-se no Seminário de Salvador e aí estudou ciências eclesiásticas entre 1870 e 1873. Findo o curso, não pôde ser ordenado, por não ter completado a idade canônica. Somente em setembro de 1877 o arcebispo dom Joaquim Gonçalves de Azevedo conferiu-lhe a sagração sacerdotal.

DA MONARQUIA À REPÚBLICA

A carreira eclesiástica de Olímpio Campos teve início em Itabaianinha como assistente do vigário local. Promovido a vigário de Vila Cristina, atual Cristinápolis (SE), em 1880 foi transferido para a freguesia da capital sergipana, onde exerceu a jurisdição paroquial até 1900. Ingressando também na política imperial, foi eleito deputado provincial pelo Partido Conservador em 1882 e 1884. Destacou-se na luta pelo retorno da educação religiosa nas escolas públicas sergipanas, suprimida pelo presidente provincial Herculano Marques Inglês de Sousa.

Eleito deputado geral para a legislatura 1886-1889, quando da queda da monarquia foi consultado pelo então presidente da província, Tomás Rodrigues da Cruz, e aconselhou-o a

reagir pacificamente aos acontecimentos, o que lhe valeu os aplausos dos republicanos mais exaltados, como Fausto Cardoso. Aproximou-se do novo regime e foi indicado pelo presidente estadual Felisbelo Freire (1889-1890) para presidir o Conselho da Intendência de Aracaju, cargo equivalente ao de prefeito da cidade. Pediu demissão do cargo e, em seguida, fundou o Partido Católico Sergipense, congênere das agremiações políticas existentes no Rio de Janeiro e na Bahia, surgidas para lutar contra o decreto do governo provisório da República referente à inelegibilidade do clero.

Participou da primeira Assembleia Constituinte do estado de Sergipe, dissolvida pela crise política que culminou na derrubada do presidente estadual Vicente Ribeiro em novembro de 1891. Reeleito para a nova Assembleia, presidiu os trabalhos legislativos. Foi um dos responsáveis pelo acordo entre republicanos e “adesistas” (denominação dada aos antigos membros do Partido Conservador do Império que continuaram a ter presença política na República), que levou José Calasans à presidência de Sergipe em 18 de maio de 1892.

Eleito deputado federal, participou da bancada sergipana entre 1894 e 1899, em duas legislaturas consecutivas. Durante a crise política que marcou em 1894 o final do governo de José Calasans, derrubado pouco antes do término do mandato pelos partidários do recém-eleito Manuel Valadão, que queriam acabar com a influência dos “adesistas” na política estadual, destacou-se como um dos maiores resistentes “cabaús” – nome dado àqueles que foram para Rosário do Catete, região canavieira no interior de Sergipe, defender a legalidade contra os “pebas” de Aracaju, que, à revelia da lei, entregaram interinamente o poder ao presidente da Assembleia Legislativa João Vieira Leite.

Principal opositor do governo Valadão (1894-1896), procurou evitar ao máximo, na sucessão deste, a eleição de Martinho Garcez, que representaria a permanência dos “pebas” por mais um período administrativo. Garcez foi eleito para o período 1896-1899, mas no final do governo aproximou-se do grupo político rival. Com isso, Olímpio Campos foi indicado seu sucessor no comando da política local, contribuindo em troca para a eleição de Sílvio Romero e Fausto Cardoso para a Câmara dos Deputados e do próprio Garcez para o Senado. Pouco antes da posse de Olímpio Campos como presidente de Sergipe em 24 de

outubro de 1899, foi descoberta uma tentativa de complô para assassiná-lo junto com outras autoridades, atribuída a Manuel Valadão, naquele momento isolado na oposição.

PREDOMÍNIO E QUEDA DO OLIMPISMO

Fundador e líder do Partido Republicano Sergipense (PRS), apoiado pelo presidente Campos Sales (1898-1902), Olímpio Campos consolidou o modelo de dominação oligárquica que iria perdurar mesmo após a sua morte, encerrando-se apenas depois do governo de José Rodrigues da Costa Dória (1908-1911).

O acordo entre “pebas” e “cabaús” evitou maiores crises em seu governo, até que, em 1902, uma questão relativamente menor, a prisão pela polícia estadual de três cunhados do jurista Gumerindo Bessa acusados de arruaça nas ruas do centro de Aracaju, fez com que este último iniciasse uma campanha na imprensa contra a truculência do presidente sergipano. Sílvia Romero, Fausto Cardoso e Martinho Garcez divulgaram suas críticas na capital da República.

O sucessor indicado por Olímpio Campos foi Josino de Meneses, antigo participante do movimento republicano e seu secretário-geral de governo. Essa escolha desagradou a seus partidários “cabaús”, Leandro Maciel e José Luís Coelho e Campos, que fundaram o jornal oposicionista *O Momento*. Apesar desse racha, Josino de Meneses foi eleito com facilidade, tomou posse em 24 de outubro de 1902, e Olímpio Campos seguiu para o Senado. A sucessão de 1905 manteve o predomínio do olimpismo em Sergipe. Em chapa única, Guilherme de Sousa Campos, irmão de Olímpio Campos, foi eleito com 6.154 votos. Por outro lado, a oposição crescia e obtinha as primeiras vitórias. Foi o que aconteceu no caso da impugnação da candidatura de Josino Meneses ao Senado.

Empossado em 24 de outubro de 1905, logo nos primeiros meses Guilherme Campos recebeu muitas críticas da imprensa local. Essa movimentação levou o deputado Fausto Cardoso a deixar a capital federal e voltar a Sergipe com o objetivo claro de conter a continuidade do olimpismo, contribuindo para a fundação do Partido Progressista (PP). Em agosto de 1906, os progressistas levaram adiante uma revolta armada, que derrubou o

governo sergipano por 18 dias. Chamada a intervenção federal do presidente Rodrigues Alves, na retomada do palácio do governo a resistência de Fausto Cardoso levou-o à morte. Em decorrência do incidente, em 9 de novembro de 1906 Olímpio Campos foi assassinado com 11 tiros e duas facadas pelos filhos do deputado sergipano na praça XV de Novembro, na capital da República.

Em 1916, o presidente estadual Manuel Valadão inaugurou em Aracaju o monumento e a praça Olímpio Campos, onde se localiza a catedral metropolitana.

Sergio Montalvão

FONTES: BARRETO, L. *Pequeno*; BITTENCOURT, L. *Sergipanos*; CARONE, E. *República*; DANTAS, J. *Trajetória*; GUARANÁ, M. *Dicionário*; LEITE NETO, L. *Catálogo biográfico* (v.4); SOUZA, T. *Impasses*.